

Escola, Teatro e Folkcomunicação: ou de como a Escola Adalgisa de Barros (Várzea Grande – MT) promove o empoderamento dos jovens da comunidade¹

Aline Wendpap Nunes de Siqueira²

Cibele Antônia de Souza Rodrigues³

Jucelina Ferreira de Campos⁴

RESUMO

Este artigo apresenta os desdobramentos do Projeto “Rádio e Teatro: da escrita à oralidade”, financiado pelo Programa “Mais Cultura nas Escolas”, em 2014, na Escola Estadual Professora Adalgisa de Barros, em Várzea Grande/MT. Tem por objetivo trazer à cena acadêmica as observações e discussões que emergiram deste período e se justifica na medida em que busca socializar as possibilidades transformadoras que a arte pode gerar, pois, de acordo com o PCN do Ensino Médio (1999), os estudantes podem descobrir uma pluralidade de interferências culturais e políticas atuantes nessas manifestações culturais. Assim, tendo como base a folkcomunicação, consideramos a escola um local privilegiado para o desenvolvimento local e o empoderamento de jovens marginalizados. Nesse contexto, o teatro pode desempenhar um importante papel.

PALAVRAS-CHAVES

Folkcomunicação; Teatro; Escola; Empoderamento.

¹ Trabalho apresentado no GT 4, Folkcomunicação e Desenvolvimento Local, durante a XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada em Recife/PE, de 02 a 05 de maio de 2017, na UFRPE/FACIPE.

² Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT. Mestre em Educação pela UFMT. Comunicóloga. Atriz, DRT nº 0000436 – MT. Parceira Cultural do Programa Mais Cultura na Escola Adalgisa de Barros no Projeto: “Rádio e Teatro: da escrita à oralidade”. E-mail: alinewendpap@gmail.com

³ Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT. Professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual Professora Adalgisa de Barros (SEDUC/MT). Colaboradora do Projeto: “Rádio e Teatro: da escrita à oralidade”. Coordenadora do Projeto Educomunicação na escola. E-mail: cibelesantonia@gmail.com

⁴ Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT. Professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual Professora Adalgisa de Barros (SEDUC/MT). Atriz, DRT nº 0000437. Coordenadora do Projeto: “Rádio e Teatro: da escrita à oralidade” do Programa Mais Cultura na Escola. E-mail: jucelinaferreira@gmail.com

School, Theater and Folkcommunication: or how the Adalgisa de Barros School (Várzea Grande - MT) promotes the empowerment of the youth of the community

ABSTRACT

This article presents the developments of the "Radio and Theater: from writing to orality" Project, funded by the "More Culture in Schools" Program, in 2014, at the State School Professora Adalgisa de Barros, in Várzea Grande/MT. It aims to bring to the academic scene the observations and discussions that emerged from this period and is justified insofar as it seeks to socialize the transformative possibilities that art can generate, since, according to the PCN of the Secondary School (1999), students can to discover a plurality of cultural and political interference in these cultural manifestations. Thus, based on folkcommunication, we consider the school a privileged place for local development and the empowerment of marginalized youth. In this context, the theater can play an important role.

KEY-WORDS

Folkcommunication; Theater; School; Empowerment.

Introdução

Este artigo apresenta uma experiência vivenciada com a primeira etapa do Projeto "Rádio e Teatro: da escrita à oralidade", realizado com alunos do Ensino Médio, em 2014, na Escola Estadual Adalgisa de Barros, em Várzea Grande/MT. Para a tessitura deste, a escola é compreendida como um local privilegiado, sendo, portanto, um agente catalizador para o desenvolvimento local e o empoderamento de jovens marginalizados, podendo o teatro representar um papel importante. Tais considerações serão realizadas à luz da Folkcomunicação. Teoria formulada pelo brasileiro Luiz Beltrão (1980), caracteriza-se pelo processo artesanal e horizontal, abrangendo três grandes grupos de audiência: os grupos rurais marginalizados, caracterizados sobretudo por seu isolamento geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual; os grupos urbanos marginalizados, compostos por indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subformadas e com mínimas condições de acesso e os grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais, que representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou à estrutura social vigente. Nesse sentido, os alunos do referido projeto,

entendidos como sujeitos neste artigo, inserem-se na segunda categoria descrita por Beltrão (1980).

A viabilização do Projeto “Rádio e Teatro: da escrita à oralidade” ocorreu devido ao repasse de recursos da primeira etapa do Programa “Mais Cultura nas Escolas”, do Governo Federal (2014-2016). Assim, trataremos do assunto tendo, dentre outras, a baliza da legislação específica que regulamenta o ensino no Brasil, mais especificamente, as atividades realizadas com o teatro, analisadas a partir de uma perspectiva sociológica, filosófica, pedagógica e cultural. Inicialmente, explicitamos o aporte teórico que norteará a discussão. Em seguida, trilhamos os caminhos percorridos desde a elaboração até a implantação do projeto na escola, mas, principalmente, como se sucedeu sua realização. Para isso, fez-se necessário explicitar quais as condições oferecidas pela escola para sua execução. Posteriormente, apresentamos como as atividades foram realizadas, descrevendo, de forma mais detida, uma aula de campo realizada no Cine Teatro Cuiabá, para a participação em uma oficina de improvisação teatral. E, as palavras que ecoam desta experiência foram recortadas de um relatório solicitado ao final dela.

Por fim, tendo como norte a teoria folkcomunicação, tecemos algumas reflexões sobre os desdobramentos dessa experiência para os estudantes, a partir da análise dos depoimentos contidos nesses relatórios. Tendo em vista o exposto, buscamos trazer contribuições para uma reflexão sobre como a ressignificação da escola, através das atividades artístico-culturais-comunicacionais, pode promover o desenvolvimento local e empoderamento dos estudantes nela inseridos.

Abrem-se as cortinas: a história começa

O “Programa Mais Cultura nas Escolas” foi uma iniciativa do Governo Federal (2014-2016) que buscava incorporar a cultura como vetor de desenvolvimento, assim, incluindo-a na Agenda Social - política estratégica de estado para reduzir a pobreza e a desigualdade social-, que visava retirar da categoria de marginalizados, como denomina Beltrão (1980), um considerável contingente populacional. Sem adentrar no mérito de sua legitimidade, este é um Programa pautado na integração e inclusão de todos os segmentos sociais, na valorização da diversidade e do diálogo com os múltiplos contextos da sociedade brasileira, o que o torna digno de um olhar mais atento por parte da academia.

Entretanto, o Programa “Mais Cultura nas Escolas” representa neste artigo apenas o contexto, ou pano de fundo da história a ser contada, esta última sim, muito mais interessante! Ela começou com a concepção do Projeto “Rádio e Teatro na escola: da escrita à oralidade”, que pretendeu não apenas ofertar oficinas de rádio e teatro na escola, mas sim possibilitar que os estudantes conhecessem estes universos em suas várias dimensões, primeiramente como público expectador e, posteriormente, como integrantes e produtores dos mesmos. Dessa forma, desmistificando o fazer radiofônico e teatral em outras possibilidades, inclusive profissionais, numa tentativa de lançar novos olhares para suas próprias realidades. Os eixos norteadores do Projeto “Rádio e teatro na escola: da escrita à oralidade” eram: a autonomia, a criatividade e o desenvolvimento da oralidade dos estudantes, buscando, assim, proporcionar aos sujeitos condições de desenvolver suas potencialidades, tornando o espaço escolar mais prazeroso e incentivando o diálogo entre as diferenças. Por isso mesmo, sendo também uma forma de estimular a interação entre as pessoas e facilitando a comunicação. E, dessa forma, buscando caminhos alternativos para a construção dos saberes, por meio da oralidade e da ludicidade. Como orienta o PCN de Linguagens, “na vida social, e não somente na sala de aula, o aluno deve ser capaz de reconhecer como a linguagem foi organizada para produzir determinados efeitos de sentido (BRASIL, 1999, p. 62).

Assim, tendo em mente as exigências previstas nos documentos oficiais que regulamentam o ensino de Artes, as professoras Cibele Rodrigues e Jucelina Ferreira, juntamente com a parceira Cultural, Aline Wendpap, elaboraram o projeto, acima citado, em 2013, com apoio da Articuladora de Projetos do ProEMI, Professora Aracy Fátima Curvo de Moraes Peralta e, do então gestor, professor José Maria de Almeida Lara, o que foi fundamental para escolha do projeto, em julho de 2014, pelo Ministério da Cultura (MinC), para integrar o Programa Mais Cultura nas Escolas. Estas figuras remetem aos “líderes-agentes-comunicadores de folk” que, segundo Beltrão (1980), “nem sempre são ‘autoridades’ reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores e, em geral, alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham” (BELTRÃO,1980, p.35).

Apesar dessa postura atuante, este tipo de liderança não pode garantir a realização de um projeto como um todo, uma vez que existem questões burocráticas e hierárquicas que

podem inviabilizar a continuidade de certas ações como, por exemplo, a segunda etapa do Projeto “Rádio e teatro na escola: da escrita à oralidade”. Por isso, atemo-nos à primeira etapa do projeto, que teve início no mês de julho de 2014, quando também começaram as oficinas, que prosseguiram até o mês de novembro do mesmo ano. Foram inscritos 48 alunos e 32 deles concluíram o curso. As oficinas eram realizadas aos sábados das 14 às 18 horas, para possibilitar a participação de alunos dos três períodos escolares. *A priori* a ideia era apresentar a eles as técnicas básicas para se fazer um programa de rádio e/ou uma peça de Teatro, com a possibilidade de despertar-lhes um gosto por tais manifestações artísticas. Contudo, os resultados foram muito além dos objetivos esperados, pois observamos um grande amadurecimento pessoal e cultural dos estudantes no decorrer das oficinas, o que nos instigou a aprofundar teoricamente os estudos e socializar academicamente todo o processo.

A teoria em cena

Conforme a Lei n. 5.692/71, o ensino de Artes fazia parte da, então, denominada Comunicação e Expressão, passando a integrar, com a adoção dos PCN’s, a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), legislação educacional que se seguiu à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, são documentos que visam delinear as principais linhas de referência para a educação escolar, orientando a formulação das propostas curriculares das diversas regiões do Brasil, os projetos pedagógicos, as escolas e as ações dos docentes referentes à elaboração do planejamento didático. Quanto ao ensino de artes, o PCN do Ensino Médio observa que

Por meio de prática sensíveis de produção e apreciação artísticas e de reflexões sobre as mesmas nas aulas de Arte, os alunos podem desenvolver saberes que os levam a compreender e envolver-se com decisões estéticas, apropriando-se, nessa área, de saberes culturais e contextualizados referentes ao conhecer e comunicar arte e seus códigos (BRASIL, 1999, p. 48).

Nessa perspectiva, no texto das Orientações Curriculares para o Ensino Médio, afirma-se que o documento procurou resguardar os avanços identificados nos PCN’s, garantindo, ao mesmo tempo, a inclusão de propostas há muito reivindicadas por aqueles que lidam com o ensino da Arte, em suas diversas instâncias e segmentos, todavia estabelecendo um contato mais estreito com os que se situam na ponta desse processo – os professores. O documento se propôs a tratar sobre o campo abrangente das diversas manifestações da linguagem e o

universo específico da arte, pois esta, numa visão atual, estabelece vínculos muito estreitos com o cotidiano e com todas as outras formas de saber, na medida em que permite a abordagem dos mais diversos aspectos da cultura ligados ao cotidiano, ao entretenimento, aos ofícios, às ciências, etc.

Nesse sentido, o Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) foi lançado pelo Governo Federal, em 2009, tendo as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio como documento norteador, seu objetivo era “garantir o acesso à educação de qualidade e atender as necessidades e expectativas dos jovens brasileiros” (BRASIL, 2013, p. 33). Sua proposta visa viabilizar a construção de um currículo interdisciplinar a partir dos Projetos de Redesenho Curricular (PRC) que deveriam “tender às reais necessidades das unidades escolares” e reconhecer “as especificidades regionais e as concepções curriculares implementadas pelas redes de ensino (BRASIL, 2013, p.10).

Sendo assim, Hernández (1998) enfatiza que projeto não é uma metodologia, mas uma forma de refletir sobre a escola e sua função. E, a elaboração do PRC, propõe-se a isso, uma vez que sua elaboração deveria ter como ponto de partida os macrocampos obrigatórios: Leitura e Letramento; Acompanhamento Pedagógico e Iniciação Científica e Pesquisa. Como também os macrocampos optativos: Línguas Estrangeiras; Cultura Corporal; Produção e Fruição das Artes; Comunicação, Cultura Digital e uso de Mídias e Participação Estudantil. Sendo “essencial que as ações elaboradas para cada macrocampo sejam pensadas a partir das áreas de conhecimento” e que envolvam “temáticas diversas por meio de diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento” (BRASIL, 2013, p. 14).

A Escola Estadual Adalgisa de Barros foi inserida no ProEMI em 2012 e, desde então, vem gradativamente, promovendo o redesenho curricular, pautando-se na legislação que regulamenta a organização do Ensino Médio, tanto levando em consideração as orientações do Ministério da Educação, quanto da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso. Nesse processo, o ensino de artes se fortaleceu, pois, o percurso histórico que consolidou a disciplina Arte, proporcionou que se inserissem em seu domínio os conhecimentos referentes às linguagens da música, da dança, das artes visuais e do teatro. Isso possibilitou que ela fosse trabalhada de uma forma abrangente, interdisciplinar.

Na tentativa de aprofundar as questões levantadas neste artigo, delimitamos a discussão ao teatro, posto que falar sobre todas as observações referentes ao campo da comunicação radiofônica e também das artes cênicas ampliaria por demais o espectro pretendido, caberia para isso um trabalho mais amplo. Explicado isso, trazemos à cena o pensamento de Jean-Jacques Roubine (2003), que nos guiou desde a fase inicial do projeto. Ele afirma que “a representação não deve visar o realismo. Ela se baseia não sobre o real (o que efetivamente aconteceu), mas sobre o possível (o que poderia ter acontecido). Todavia, essa noção de possível é delimitada e, portanto, limitada, pelo verossímil e pelo necessário” (ROUBINE, 2003, p. 15).

Esta perspectiva a respeito do teatro atende às nossas expectativas, pois não queríamos que os estudantes simplesmente reproduzissem suas realidades no palco, mas que pensassem sobre as inúmeras possibilidades contidas no real, de que fala Roubine (2003). Tendo isso em mente, entendemos que a linguagem teatral se dá mediante o envolvimento do estudante com os elementos referentes à estrutura cênica e dramática como: figurinos, gestual e dicção dos atores, ação, espaço, personagem, público, etc. E, de acordo com Roubine (2003), ao retomar a exegese de Chapelain, tais elementos englobam explicitamente os inúmeros instrumentos que devem ser mobilizados para “tornar o fingimento semelhante à própria verdade” (CHAPELAIN apud ROUBINE, 2003, p. 29).

Roubine (2003) ainda postula que “o fim da representação teatral é, portanto, um verdadeiro processo de alucinação, até mesmo de alienação. O espectador deverá esquecer que está no teatro e acreditar que está presenciando um acontecimento verdadeiro” (ROUBINE, 2003, p. 29). Assim, os elementos já citados trazem consigo inúmeras possibilidades a serem exploradas, ampliando o campo criativo dos alunos que, munidos destes instrumentos, familiarizam-se mais facilmente com o campo teatral. Podemos verificar isso no Relato⁵ nº 04, em que o estudante faz a seguinte colocação: “eu daria uma sugestão de levarem figurinos e objetos de teatro para nós, alunos, começarmos a nos adaptar mais rápido com isso”.

⁵ Denominamos como “relato” as falas dos alunos retiradas do relatório solicitado, quando da participação destes na Oficina de Improvisação Teatral, citado na parte introdutória deste artigo. Como opção metodológica, numeramos essas falas para uma preservar as identidades.

O cenário

Para uma melhor compreensão da proposta do Projeto “Rádio e teatro na escola: da escrita à oralidade”, faz-se necessário contextualizar o local onde foi realizado, de onde saíram os protagonistas da ação. A Escola Estadual Professora Adalgisa de Barros se localiza na região central da cidade de Várzea Grande (vizinha da capital Cuiabá e integrante da região metropolitana do Vale do Rio Cuiabá), por isso recebe uma grande diversidade de alunos oriundos de vários bairros, são cerca de 1.500 alunos matriculados nos três períodos. Atendendo apenas ao Ensino Médio, conta com uma estrutura física de: 14 salas climatizadas; laboratórios de informática, de física, de química, de biologia e de matemática; biblioteca e refeitório. Trabalha com três modalidades de ensino: Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) e Ensino Médio Integrado e a Educação Profissional (EMIEP), nos períodos matutino e vespertino e Ensino Médio por Semestralidade, no período noturno.

Em 2012, a escola foi incluída no Programa Ensino Médio Inovador, o qual visa a melhoria do ensino médio público no Brasil, a partir da ampliação da carga horária para mil horas anuais e do redesenho curricular, propondo um trabalho interdisciplinar a partir de projetos pedagógicos.

Como recebe estudantes de características muito diversificadas, a escola, bem como os profissionais que nela atuam, necessitam adotar ações que possibilitem aos estudantes agir como agentes criadores, uma vez que, seus locais de origem podem dificultar tais manifestações. Nesse sentido, como lembra Gilberto Dimenstein (2007, p. 32), a periferia constitui um local de exclusão dos “benefícios sociais, culturais, tecnológicos e científicos”, que não se baseia apenas em uma definição geográfica, mas, sobretudo, “de aspectos socioculturais e econômicos”. Somado a isso, o município de Várzea-Grande, como um todo, possui características da rurbanidade, ou seja, se apresenta como “un escenario que combina prácticas, saberes, valores y objetos rurales en contextos urbanos, modificando a la ciudad” (KENBEL; CIMADEVILLA, 2009, p. 01). Tendo situado o contexto social dos sujeitos deste artigo, podemos afirmar que a oferta do projeto em questão no espaço da escola se configura como uma perspectiva de apreensão de bens culturais e, como desdobramento, o desenvolvimento local e empoderamento juvenil.

Mudança de cenário: um novo olhar para a mesma história

Além das aulas de conteúdos técnicos e teóricos, os sujeitos deste artigo tiveram a oportunidade de participar de duas aulas de campo, pois, como orienta o art. 2º, § 1º, inc. III, da Resolução nº 04⁶, de 31 de março de 2014, que regulamenta a implantação do Programa Mais Cultura nas Escolas, deve-se “procurar integrar espaços escolares com espaços culturais diversos, como equipamentos públicos de promoção à cultura, centros culturais, bibliotecas públicas, pontos de cultura, praças, parques, museus e cinemas” (BRASIL, 2014, p. 3).

Dessa forma, como primeira atividade do projeto fora do espaço escolar, os estudantes participaram de uma Oficina de Improvisação Teatral, com o ator e diretor cuiabano André D’Lucca⁷, no Cine Teatro Cuiabá. A oficina teve duração de oito horas, nas quais os alunos tiveram a possibilidade de experienciar momentos de muita ludicidade e apreensão de novas realidades, trazidas pela prática da improvisação teatral, o que fez com que estes adolescentes pudessem vislumbrar perspectivas nunca antes oportunizadas, porém sonhadas. Como se pode observar no Relato nº 9, o contato com o teatro e, em especial, a participação na oficina, concretizaram um sonho antigo do sujeito em questão, como se observa em sua fala: “Fazer a oficina foi muito gratificante e marcante, pude aprender várias coisas a cada instante e refletir que ali era um caminho certo para dar vida ao meu sonho que tenho desde criança de ser atriz, ou trabalhar no ramo de teatro”.

A partir do que coloca Eduardo Marques (2007, p. 29), verificamos que um dos resultados de iniciativas como esta do Projeto “Rádio e Teatro: da escrita à oralidade” é “a redução da segregação social nesse espaço urbano que ainda é excluído”, na medida em que “a ação política dos grupos da periferia, organizados politicamente ou não” podem transformar o estigma de exclusão que paira sobre os moradores dessa região, como parece ter acontecido no decorrer deste projeto.

Pensando em ampliar ainda mais os horizontes dos alunos, pois percebemos o entusiasmo que se evidenciava em seus olhares contemplativos, propusemos, então, um

⁶ Resolução nº 04, de 31 de março de 2014, do Ministério da Educação, que regulamenta a destinação dos recursos financeiros para a realização de atividades culturais, por intermédio do Mais Cultura nas Escolas, de forma a potencializar as ações dos Programas Mais Educação e Ensino Médio Inovador.

⁷ André D’Lucca é conhecido em Cuiabá por sua atuação no teatro, especialmente pela personagem Almerinda, da peça “Os Segredos de Almerinda”. O ator cuiabano tem mais de 20 anos de história no teatro e já atuou em dezenas de peças em várias capitais do Brasil e da Europa. Tendo participado também de algumas novelas da Rede Globo de televisão.

roteiro de passeio ao centro histórico da capital, no horário do almoço, como já estávamos na região, para aproveitar ao máximo a oportunidade. Os estudantes visitaram: o Museu Histórico de Mato Grosso, o Palácio da Instrução (que abriga a Biblioteca Estadual Rubens de Mendonça, a maior do Estado) e a Galeria de Artes da Secretaria de Estado de Cultura. No Museu, puderam conhecer um pouco melhor capítulos importantes da história do estado de Mato Grosso, como a Guerra do Paraguai e a Comissão Rondon. No Palácio da Instrução, eles ficaram maravilhados com a arquitetura, funcionários do local responderam dúvidas e deram explicações sobre o acervo e o funcionamento da Biblioteca. E, na galeria contemplaram as obras na exposição “Pantanal”, de Wander Melo, artista plástico mato-grossense.

No Cine Teatro Cuiabá eles tiveram contato não apenas com a arquitetura e a história do local, mas, principalmente, a experiência de respirar e fazer teatro, inclusive concedendo entrevistas, pois alguns alunos foram convidados, por repórteres de canais de comunicação que cobriam a programação oferecida pelo órgão, para participarem de uma matéria sobre a Oficina de Improvisação Teatral, a qual seria transmitida pela televisão local. Isso parece ter sido uma mola propulsora de algo almejado desde a fase embrionária do projeto, que é o protagonismo juvenil. Ou seja, ao ter contato com um mundo completamente novo para eles e ainda poderem falar sobre estas experiências vividas, os jovens passaram a perceber que fazem parte da sociedade, e mais, que são importantes para ela, ao ponto de serem ouvidos pela grande mídia, ou seja, a televisão.

Diante do exposto, conseguimos estabelecer um diálogo entre saberes, valorizando a integração dos espaços escolares com equipamentos públicos, bem como, espaços culturais diversos, o que está em consonância com o que regulamenta a Resolução nº 04, já reportada anteriormente. E, vários relatos demonstram o quão significativas estas experiências foram para estes jovens, sendo que alguns deles tiveram seu primeiro contato direto com a arte elitizada, dos museus, galerias e teatros. Estas experiências de visitar teatros, museus e galerias de arte parecem ter despertado neles um maior prazer em descobrir como tudo isso funciona, ou seja, o mundo do conhecimento se desvelou a partir destas vivências de ampliação cultural, pois, como afirma o psicanalista Jorge Broide,

A transformação deve ocorrer pela verdadeira inclusão na cadeia simbólica, o que pressupõe o trânsito das pessoas pela cidade, pela cultura, pelo melhor que o ser humano produziu. Isso subentende a possibilidade da circulação da palavra, que se dá com base na construção de uma tessitura no território, e do

território para toda a cidade e para o mundo. É esse movimento que gera escutas, cria matizes, diferenças, canais de comunicação, aberturas de pensamentos, outras formas de trabalho e sobrevivência (BROIDE, 2007, p.31).

Esse pensamento é corroborado pelo Relato nº 5, no qual o sujeito demonstra a relevância desse tipo de experiências para a apreensão de conhecimento, uma vez que o estudante coloca que

A oficina foi muito significativa e importante, tanto para mim quanto meus colegas, todos nos divertimos muito, e melhor do que se divertir é se divertir com os amigos é poder fazer isso aprendendo novas coisas, novas técnicas. Creio que para muitos foi um dia inesquecível, como foi para mim. Penso que a cada mês deve-se ter aulas de campo, para ampliarem meus conhecimentos e de meus colegas, para obtermos mais noção das coisas, adquirir novos conhecimentos [...] que o mundo do teatro pode oferecer (Relato nº 5).

Assim, o movimento, do qual fala Broide (2007), pode ter ampliado as concepções acerca do termo cultura para os sujeitos. Não apenas neste passeio, mas ao longo das oficinas, trabalhou-se com os sujeitos para que não apenas a cultura elitizada fosse apropriada como sinônimo de cultura, mas para que justamente o contraponto dos dois mundos (centro e periferia) e o conhecimento de ambos os lados agissem na formação de novos pontos de vista sobre o tema. E, podemos perceber em alguns outros relatos, como tudo isso colaborou para esta nova perspectiva, que tanto entende a cultura elitizada como cultura, quanto traz as manifestações periféricas ou suburbanas (como grupos de jovens, de dança, de skate, etc.) para o mesmo posto.

Com este projeto, alguns alunos tiveram a oportunidade de ampliar seu roteiro cotidiano que os levaria de casa para a escola, possibilitando, assim, o acesso a bens culturais para além do espaço escolar, incluindo-os em ações importantes para a viabilização do protagonismo juvenil. Nesse contexto, segundo Gilberto Dimenstein (2007, p.32-33), quando “o jovem periférico tem a possibilidade de se integrar socialmente e ser um articulador comunitário e cultural, a periferia vira apenas um conceito geográfico e não mais um conceito socioeconômico e cultural”, como já preconizava Luiz Beltrão (1980).

Ensaio: criando enredos, construindo personagens, mudando figurinos

A voz dos alunos nos relatos evidencia, mesmo que timidamente, o surgimento de uma nova postura, a qual possibilita a construção de um cenário propício para que o

protagonismo juvenil venha à tona. E, sob outro prisma, essa nova percepção de mundo também contribui para o extrapolamento do conhecimento escolar como um todo, pois os desdobramentos dessa nova postura repercutiram em sala de aula e para além dela, como percebemos no Relato nº 8: “Foi um momento especial também, pois pudemos conhecer o Cine Teatro Cuiabá pela primeira vez. Sugiro que possamos fazer mais oficinas que trabalhem a oralidade e a interpretação. Como também visitas a museus, na UFMT, entre outros”. Opinião corroborada pelo Relato nº 6: “Acredito que deva ter, pelo menos uma vez por mês, uma aula de campo, porque é uma boa oportunidade para nossa ampliação de conhecimento”. E, também pelo Relato nº 1: “Para minha escola, eu sugiro mais aulas de campos, nós podíamos [...] assistir algum espetáculo de teatro. Enfim o mundo do teatro e da rádio é muito vasto e é sempre bom conhecer mais e mais deles”.

Numa outra perspectiva, o “para além da escola” significa a percepção de que o conhecimento pode se dar na interação com profissionais alheios ao ambiente escolar, como se observa no Relato nº 7: “A oficina foi muito legal, aprendi muito com ela (técnicas e expressão corporal), também fiquei muito grato de receber informações de outro profissional, além dos professores da oficina”. Isso também ficou evidenciado no Relato nº 8: “A oficina foi bem proveitosa, além da interação dos participantes com um ator experiente como o André D’Lucca, aprendemos algumas técnicas para improvisação e também dicas de posicionamentos com o ator que será muito proveitosa no decorrer do curso de “Rádio e teatro: da escrita à oralidade”.

Os relatos ainda demonstram como esse tipo atividade possibilita um autoconhecimento, o que pode ser observado no Relato nº 3: “A oficina foi perfeita! Meus Deus, como foi bom! Foi maravilhoso ver a evolução de cada um ali, especialmente eu que cheguei lá toda tímida, não querendo nem me apresentar. E, a partir da 2ª atividade, eu me soltei toda. Não queria nem mais parar de falar”. Como também no Relato nº 4: “A oficina foi ótima, eu me senti com mais liberdade e me expressar porque no começo eu estava com muita vergonha e isso foi muito legal, foi uma sensação maravilhosa de estar lá”. Já o aluno que faz o Relato nº 11 acrescenta que além de se conhecer melhor, também pode interagir com o “outro”: “Ao participar da oficina de ‘Rádio e teatro: da escrita à oralidade’, meu objetivo era alcançar um meio de me expressar. E, estou conseguindo, como também a cada dia que passa ganho mais conhecimento e amigos novos”.

Esses relatos dialogam com o famoso aforismo grego “conhece-te a ti mesmo”⁸. Nessa ótica, podemos pensar esse autoconhecimento como ponto de partida para o desenvolvimento de um novo olhar diante do mundo, possibilitando enxergar outras formas de manifestações culturais, antes conhecidas, mas não vistas. Como fica claro no relato nº 11: “Antes, gostava de sertanejo e música eletrônica, mas com o passar das aulas, estou gostando de várias músicas diferentes. E, vejo o mundo de outro jeito, mais compreensivo e vivo, observando como as pessoas andam, falam e se expressam de modo geral”. Este relato demonstra a importância de ampliar “os saberes sobre produção, apreciação e história expressas em música, artes visuais, dança, teatro e também artes audiovisuais” (BRASIL, 1999, p. 172), gerando, dessa forma, sentidos outros a partir de novas vivências.

Cabe enfatizar que, quando nos conhecemos, conseguimos enxergar nossos limites, podendo superá-los, como exemplifica o Relato nº 9: “Realizei todas as atividades com um pouco de insegurança e vergonha, esse sempre foi um dos meus defeitos. Mas, também me senti confortável sabendo que ali tinham pessoas para aprender e ensinar. Naquele dia não está muito bem de saúde, estava gripada, mas queria me entregar por inteiro para aprender, dei o meu máximo mesmo não estando bem”.

A diversidade de abordagens explicitadas nos relatos, demonstram, de forma concreta, a abrangência de conhecimentos possibilitada pelo contato com a arte. Nesse sentido, refletir sobre a aprendizagem nessa área implica pensa-la a partir de uma organização curricular interdisciplinar, que aproxime distintos referenciais teóricos e metodológicos que a compõem, buscando uma formação integral (BRASIL, 1999, p. 352).

Considerações finais

Inspiradas pelos olhares curiosos dos estudantes e também pelos seus semblantes sedentos por “mais cultura”, surgiu a necessidade de escrevermos sobre a experiência de

⁸ "Conhece-te a ti mesmo" é um [aforismo](#) grego que **revela a importância do autoconhecimento**, sendo uma frase bastante conhecida no ramo Filosofia. Contudo, não se tem certeza sobre sua autoria, mas há vários autores que a atribuem ao sábio grego Tales de Mileto. Apesar disso, existem teorias que afirmam que a frase foi dita por Sócrates, Heráclito ou Pitágoras. O aforismo "Conhece-te a ti mesmo" está inscrito na entrada do templo de Delfos, construído em honra a Apolo, o deus grego do sol, da beleza e da harmonia. Em grego esta frase é *gnōthi seauton*. A frase completa é: "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo." Disponível em: <https://www.significados.com.br/conhece-te-a-ti-mesmo/>

participação neste projeto. Muitos enfrentamentos ocorreram, desde o momento da tessitura do projeto em 2013, até a finalização deste processo, com este artigo. Contudo, os relatos nos mostram que valeu a pena, pois, ainda que de forma tímida, propiciamos aos estudantes o desvelamento de um universo de possibilidades, para além de seus espaços cotidianos, que revelou para eles que a escola pode ser um espaço de transformação e empoderamento de jovens estudantes. Como também, novas perspectivas de ensino-aprendizagem, pois existe um mundo de coisas a serem descobertas.

Reiteramos que isso também repercutiu em nós, enquanto professoras, pois nos fez pensar em nosso papel enquanto educadoras. E, talvez, em algum momento ou em algum lugar de suas jornadas, eles sejam convocados a explorar a curiosidade típica dos artistas mais inquietos e quem sabe não resistam a assistir a uma peça de teatro, visitar uma exposição, dar uma entrevista, escrever um projeto para sua comunidade, ou qualquer outra tomada de iniciativa nas quais sejam protagonistas.

Cabe aqui ressaltar que, em 2016, em uma atividade sobre gêneros textuais na aula de Língua Portuguesa, ministrada pela professora Cibele Rodrigues, um dos participantes do Projeto “Rádio e Teatro: da escrita à oralidade” elaborou um projeto para organizar um Festival de Teatro na Escola, o qual não pode ser viabilizado. Mas, esta iniciativa demonstra que aquele projeto, do Programa Mais Cultura, reverberou e teve desdobramentos, na medida em que o mesmo estudante insistiu e conseguiu mobilizar colegas e as professoras envolvidas no citado projeto de 2014 a inscrever a escola para participar, pela primeira vez, do 13º FETRAN (Festival Estudantil Temático de Trânsito).

E, mesmo a escola entrando em greve, prosseguimos com as atividades para nossa apresentação em uma das etapas regionais do Festival, sob a direção da então Coordenadora Pedagógica, professora Jucelina Ferreira. Também teve importante papel nessa participação um grande profissional da área teatral, com vasta experiência no ramo, Joílson Francon⁹, que, naquela ocasião, cursava Artes Visuais e estagiava na escola.

⁹ Mestre pelo Programa de Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT (2014). Graduado em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda pela UFMT (1999). Licenciado em Artes Visuais pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (2016). Desenvolve pesquisa na interface entre comunicação e cultura.

A peça apresentada pela escola conseguiu o vice-campeonato da Etapa Cuiabá¹⁰, na Categoria Juvenil. Porém, o mais gratificante foi o reconhecimento, com o prêmio de ator destaque¹¹, do estudante que primeiro acreditou ser possível tal participação.

Por isso, acreditamos que o teatro seja um dos elementos que podem fazer com que uma mente que se abriu para novas experiências, nunca mais volte ao seu tamanho original, pois promove uma profunda transformação. Contudo, este procedimento implica num processo de ensino-aprendizagem, que não seja aquele restrito ao espaço escolar. Enfim, qualquer que seja a área de conhecimento estudada, ela precisa ser vivenciada e relacionada com a prática, para que os sujeitos envolvidos se sintam produtores de seus próprios saberes. Nesse contexto, foi possível notar que eles estão avançando (cada um a seu tempo e seu modo) na construção de uma postura crítica, que entende a cultura, como uma diversidade de práticas sociais. E, a partir desta nova perspectiva, eles poderão se ver e se ressignificar enquanto cidadãos críticos na sua prática, podendo mudar a realidade na qual estão inseridos.

Nesse sentido, iniciativas, como estas do programa “Mais Cultura nas Escolas”, que permitam o acesso a diversos benefícios culturais, contribuem muito para a formação crítica dos nossos estudantes. Assim, acreditamos que isso possa potencializar as competências adormecidas em cada um deles, pois mesmo que essas vozes, que ecoaram e ressoaram, possam apresentar resultados ainda tímidos, observamos que há muitos caminhos para dar continuidade ao que foi instigado em nossos alunos.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade**. 2011. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r8-9/ccientifica_06.pdf>> Acessado em 13/05/2015.

BRASIL. MINISTÈRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2006 v.I; il.

¹⁰ <http://www.varzeagrande.mt.gov.br/conteudo/15896>

¹¹ <http://www.varzeagrande.mt.gov.br/imagem/45463>

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica: Brasília (DF), 1999; il.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Programa Ensino Médio Inovador: Documento orientador. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução/FNDE nº 4 de 31 de março de 2014. Disponível em http://www.educacao.ma.gov.br/Documentos/resolucao_n4_de_31-03-2014_mais%20cultura.pdf. Acessado em 13/08/2015.

BROIDE, Jorge. Espaços em transformação: depoimento [junho/julho, 2010]. São Paulo: **Revista Continuum**. Entrevista concedida a Mariana Sgarioni e Rafael Tonon.

DELEUZE, Gilles. **O Ato de Criação**. Palestra de 1987. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 27/06/1999. Tradução José Marcos Macedo.

DIMENSTEIN, Gilberto. Espaços em transformação: depoimento [junho/julho, 2010]. São Paulo: **Revista Continuum**. Entrevista concedida a Mariana Sgarioni e Rafael Tonon.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação**. POA: Artmed. 1998.

KENBEL, Claudia; CIMADEVILLA, Gustavo. **La rurbanidad desde el enfoque de las memorias sociales**. X Jornadas Argentinas de Estudios de Población, 2009.

MARQUES, Eduardo. Espaços em transformação: depoimento [junho/julho, 2010]. São Paulo: **Revista Continuum**. Entrevista concedida a Mariana Sgarioni e Rafael Tonon.

MATO GROSSO. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. Orientações Curriculares: área de Linguagens: Educação Básica. Secretaria de Estado e Educação de Mato Grosso: Cuiabá: 2012.

ROUBINE, Jean-Jacques. **Introdução às grandes teorias do teatro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

Artigo recebido em: 29/05/2017

Aceito em: 13/06/2017